

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
23 e 26 de fevereiro de 2022

THE BLUE BIRD / 1976

(O Pássaro Azul)

um filme de George Cukor

Realização: George Cukor / **Argumento:** Alexei Kapler e Hugh Whitmore, baseado na peça de Maurice Maeterlinck / **Direcção de Fotografia:** Jonas Gritsus e Freddie Young / **Direcção Artística:** Valery Jurkevitch / **Guarda-Roupa:** Mariana Azizian e Edith Head / **Música:** Andrei Petrov / **Som:** Gregory Elbert, Gordon Everett e John Bramall / **Efeitos Especiais:** Gregori Senotov, Alexander Zaviolov e Roy Field / **Montagem:** Tatiana Shapiro e Ernest Walter / **Interpretação:** Elizabeth Taylor (Mãe/Amor Materno/Bruxa/Luz), Nadia Pavlova (o Pássaro Azul), Jane Fonda (Noite), Ava Gardner (Luxúria), Cicely Tyson (o Gato), Patsy Kensit (Mytyl), Todd Lookinland (Tytyl), Georgi Vitzin (Açúcar), Margarita Terkhova (Leite), Robert Morley (o Tempo), Will Geer (avô), Mona Washbourne (avó), Leonid Nevedomsky (pai), George Cole (o Cão), Richard Pearson (o Pão), Valentina Ganibalova (Água) e Evgeny Scherbakov (o Fogo).

Produção: Edward Lewis Productions (EUA) e Lenfilm (URSS) / **Produtores:** Paul Maslansky e Alexander Archansky / **Produtor Executivo:** Edward Lewis / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original falada em inglês com legendas em sueco e legendada electronicamente em português / **Duração:** 97 minutos / **Estreia em Portugal:** Castil, a 7 de Dezembro de 1977.

The Blue Bird é um filme que muito poucos defendem, e mesmo entre os mais acérrimos adeptos de Cukor é difícil encontrar quem esteja pronto a tomar incondicionalmente o seu partido. Acima de tudo, e para além de considerações sobre se se trata de um "bom" ou "mau" filme, o que parece surgir com maior evidência é o facto de em **The Blue Bird** pouca coisa existir que nos faça acreditar verdadeiramente que Cukor estava por trás da câmara. A culpa até será menos de Cukor do que de todas as inusitadas circunstâncias que rodearam a feitura do filme: que o cineasta não estava "decadente" - como alguns proclamaram à época - prova-o o seu último filme, **Rich and Famous**, realizado cinco anos depois deste. Mas que também não se terá sentido muito à vontade nesta primeira co-produção entre os Estados Unidos e a União Soviética, eis o que é impossível deixar de pensar no final da projecção.

A ideia de conceber uma co-produção que juntasse, cinematograficamente, os mais acérrimos antagonistas do pós-guerra andava a ser preparada havia já alguns anos. Para o argumento, pretendia-se alguma coisa que estivesse isenta de ressonâncias políticas e que pudesse agradar a gregos e a troianos, ou seja às audiências americanas tanto como às soviéticas. A escolha recaiu na peça teatral de Maeterlinck,

um conto levemente panteísta sobre duas crianças que fogem de casa em busca da felicidade, personificada nos traços do Pássaro Azul. Politicamente anódina e exalando bons sentimentos por todos os poros, seria talvez a história ideal para uma co-produção com estas características mas certamente não para Cukor, cineasta que nunca tentou ser neutral nem nunca se interessou muito pela exaltação de virtudes. Nesta perspectiva, logo à partida não parecia haver muito espaço para Cukor se mover com a agilidade que lhe reconhecemos. Aliás, Cukor nem foi a primeira escolha dos produtores, que se lembraram dele depois de dois ou três outros cineastas mais novos terem recusado o convite. Cukor, que gostava da peça de Maeterlinck - que Hollywood já adaptara em 1939, num veículo para Shirley Temple dirigido por Walter Lang - acabou por aceitar, sem grande entusiasmo mas com o empenho sincero do costume.

A rodagem decorreu plena de problemas. Durante quase um ano - entre Janeiro e o Outono de 1975 - Cukor debateu-se com as sucessivas doenças dos actores americanos, que não se conseguiam adaptar nem à alimentação nem ao frio da União Soviética. Para além disso o equipamento que tinha ao seu dispor estava quase completamente obsoleto, pelo menos para quem estava habituado a trabalhar nos estúdios de Hollywood: um dos montadores americanos queixou-se a um jornalista que o filme estava a ser montado numa moviola de 1921, idêntica à que Eisenstein usara para o **Couraçado Potemkin**. Cukor, que apesar de tudo gostou da experiência de trabalhar com profissionais russos, queixou-se ainda da pouca preparação do pessoal técnico e, sobretudo, da desorganização soviética.

Estes problemas são de certa maneira visíveis no filme, parecendo evidente que Cukor nunca teve à disposição os meios de que precisava. O lado feérico de **Bluebird**, que era obviamente uma característica que Cukor pretendia realçar, sofre bastante com isso, com os vários números musicais a nunca "arrancarem" verdadeiramente e a ficarem sempre muito longe do esplendor que o cineasta teria idealizado. Mesmo que haja alguns momentos muito belos como por exemplo o bailado entre a Água e o Fogo, que termina com uma nuvem de vapor depois de ambos se terem abraçado, é quase impossível escapar à conclusão de que o "verdadeiro" Cukor poucas vezes por aqui passa.

Luís Miguel Oliveira